



DESCONSTRUINDO O EUROCENTRISMO: CAMINHOS PARA A VALORIZAÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS AFRICANAS

Marta Bengue Quizembo¹

Marinho Nhanri²

Adelaida Cadidjatu Mali Jalo³

Ricardo Ossagô De Carvalho⁴

RESUMO

A presente pesquisa aborda uma das temáticas mais discutidas por africanistas e africanos, dentro e fora do continente: a desconstrução dos saberes eurocêntricos para o reconhecimento de outras formas de produção do conhecimento. Trata-se de um ensaio desenvolvido no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, na disciplina de Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades, que analisa tanto as teorias eurocêntricas quanto as africanas sobre a diversidade de saberes. O intuito é demonstrar que existem conhecimentos não reconhecidos, mas igualmente legítimos, que revelam outras formas de vivência. Este estudo questiona até que ponto os saberes ocidentais podem ser considerados legítimos e únicos em um universo tão diverso e complexo. A interdisciplinaridade busca explicar tal complexidade, oferecendo diferentes perspectivas de compreensão. Contudo, desde a antiguidade, o mundo tem sido orientado, de forma predominante, por um único modelo de vida: o ocidental. Assim, pergunta-se: é possível compreender a complexidade do mundo a partir de um único objeto de análise? O trabalho dialoga com a reflexão de Bachelard (1996), que enfatiza o papel da opinião no pensamento científico. Essa perspectiva, entretanto, pode bloquear análises futuras, ao restringir o surgimento de novas ideias. Como se trata de uma concepção ocidental, acaba por limitar a emergência de outras epistemologias. Já Quijano (2008) propõe a “desobediência epistêmica”, rompendo com as barreiras impostas pelo Ocidente à produção de outros saberes. Por fim, o estudo também discute os lugares de produção do conhecimento. No caso africano, os saberes frequentemente ficam invisibilizados, reduzidos a um olhar restrito sobre o continente, enquanto o exterior insiste em direcionar tais produções a seus próprios interesses.

Palavras-chave: Desconstruir Saber;; Saberes Ocidentais;; Conhecimentos Africanos.

Unilab-Universidade da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades (IH), Discente, quizembo@aluno.unilab.edu.br¹

Unilab-Universidade da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades (IH), Discente, nhanrimarinho@aluno.unilab.edu.br²

Unilab-Universidade da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades (IH), Discente, maliadelaida@aluno.unilab.edu.br³

Unilab- Universidade Integração Internacional Da , Instituto De Humanidades, Docente, ciencia politicahoje@unilab.edu.br⁴



INTRODUÇÃO

A origem e a legitimidade do conhecimento constituem temas centrais nos debates contemporâneos, especialmente a partir dos estudos decoloniais, que desafiam a hegemonia dos saberes ocidentais tradicionalmente considerados universais e científicos. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar os conhecimentos eurocêntricos que historicamente invisibilizaram e apagaram outras formas de saber. Para isso, serão estudadas algumas teorias de autores africanos e ocidentais disponibilizados na disciplina e, posteriormente, será realizado um diálogo entre esses saberes, com o intuito de valorizar as epistemologias africanas.

Esses estudos propõem a valorização e o reconhecimento de epistemologias historicamente marginalizadas e deslegitimadas, como as africanas. Uma das principais problemáticas levantadas nesta pesquisa é: existe ou não epistemologia africana? Onde, afinal, são produzidos os saberes africanos? Na tentativa de refletir sobre essa problemática, recorreu-se ao método qualitativo, que, segundo Cardano (2017, p. 15), “responde de forma específica a uma exigência geral que recobre todo o domínio da pesquisa social, a de guiar a complexidade dos fenômenos em estudo”. Para tanto, foram reunidas e analisadas obras de autores selecionados na disciplina, de modo a possibilitar uma análise consistente e fundamentada.

A discussão sobre a interdisciplinaridade na produção do conhecimento reforça a necessidade de ampliar as perspectivas para além do eurocentrismo, abrindo espaço para múltiplas formas de saber que reflitam a diversidade social e cultural. Assim, este estudo explora os desafios e as controvérsias em torno da validade do conhecimento africano, a crítica à ciência ocidental como única fonte legítima e a proposta de desobediência epistêmica como caminho para a descentralização do saber.

METODOLOGIA

A pesquisa adota a abordagem qualitativa em seu procedimento metodológico. Segundo Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013, p. 376), “[...] o foco da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em um ambiente natural e em relação ao contexto.” É nesse sentido que utilizaremos esta pesquisa com o objetivo de desconstruir a ideia de que existe apenas um conhecimento — o ocidental. Para tanto, recorreremos a obras de autores que já escreveram sobre o tema, como Frigotto (2008), Bachelard (1996), Sousa (2006) e Mama (2010). O procedimento adotado será a revisão bibliográfica, visto que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Com o intuito de oferecer um novo olhar sobre a temática, será utilizado também o método exploratório, que, segundo Hernández, Fernández e Baptista (2013, p. 101), permite investigar “ou, ainda, se queremos pesquisar sobre temas e áreas a partir de novas perspectivas.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A origem do conhecimento tornou-se um tema amplamente discutido na atualidade, sobretudo pelos estudos decoloniais, que propõem a desconstrução do que é tradicionalmente considerado um saber válido e aceitável. Trata-se, portanto, de uma tentativa de reconhecer outras formas de conhecimento que não sejam, necessariamente, os saberes ocidentais ou dominantes, os quais prevaleceram no campo científico por décadas. Assim, para que um objeto seja estudado nas ciências sociais, é imprescindível que a interdisciplinaridade esteja presente, tanto nos estudos ocidentais quanto nos não ocidentais. Como afirma



Frigitto (2008, p. 43), “a necessidade da interdisciplinaridade na produção do conhecimento funda-se no caráter dialético da realidade social que é, ao mesmo tempo, una e diversa e na natureza intersubjetiva[...]” (FRIGITTO, 2008, p. 43).

Assim, Bachelard aborda sobre a opinião, quando afirma que “o espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza” (BACHELARD, 1996, p. 18). Mas, afinal, é possível escrever sem expressar uma opinião? O fato de um texto estar fundamentado teoricamente em diversos autores não elimina a presença do ponto de vista do pesquisador sobre o objeto em análise. Nossas opiniões encontram-se subentendidas em tudo o que escrevemos. No caso, Bachelard não estaria, de certa forma, incentivando uma opressão científica ao defender a ausência da opinião? Pois, ao afirmar que o espírito científico proíbe a emissão de opinião, como seria possível, então, criar novos saberes sem desenvolver perspectivas próprias? Reafirmo que, ainda que nossas opiniões estejam fundamentadas teoricamente em outros autores, isso não elimina o fato de que estamos, sim, emitindo juízos. Diante disso, torna-se necessário promover uma ruptura com esse sistema dominante e abrir espaço para outras epistemologias. Nesse sentido, Quijano sugere a desobediência epistêmica, de modo a permitir a emergência de saberes marginalizados.

O que Quijano está propondo aqui nada mais é que desobediência epistêmica. Sem tomar essa medida e iniciar esse movimento, não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares (MIGNOLO, 2008, p.288).

Esse é o caminho adequado a seguir caso se deseje promover mudanças capazes de descentralizar o saber. A ideia transmitida pelos autores ocidentais é a de uma ciência perfeita e absoluta. De fato, os métodos científicos são importantes para conferir credibilidade aos resultados obtidos; contudo, eles não estão isentos de falhas. Muito pelo contrário, considerando que o próprio conhecimento científico é uma construção humana e, portanto, passível de erros, uma vez que os seres humanos não são perfeitos e erram. Como afirma Sousa (2006, p. 146): Os métodos da ciência são necessários para dar confiabilidade aos seus resultados. Contudo, eles não são infalíveis. Aliás, muito longe disso, considerando que o próprio conhecimento científico é uma construção humana. E, como tal, é imperfeita, passível de erros. Longe de julgar outros conhecimentos sendo que nenhum é 100% seguro.

Sendo os métodos científicos falíveis, não podem ser considerados os únicos detentores da verdade. É necessário reconhecer que existem outras formas de saber, que, mesmo não estando isentas de falhas, também possuem a possibilidade de produzir conhecimentos válidos, como é o caso dos saberes africanos. Infelizmente, em decorrência do reconhecimento hegemônico de um único saber, coloca-se em dúvida a legitimidade de outros. Ainda hoje se discute se existem, de fato, saberes africanos, como afirmam Kaphagawani e Malherbe (2002, p. 1): “A questão de saber se existe ou não uma epistemologia africana não pode ser abordada sem o conhecimento da resposta para o interrogante de se a filosofia africana existe ou não.” E atualmente a preocupação já não seria sobre existência.

Até os dias atuais, questiona-se a existência da epistemologia africana. São debates que, além de desvalorizar os conhecimentos já produzidos, acabam por desmerecer também aqueles que os produzem. Assim, KAPHAGAWANI; MALHERBE, (2002, p. 1 apud ORUKA, 1983, p. 384) afirma: “Uma vez admitida a existência da filosofia africana, é natural que surjam perguntas sobre como ela se apresenta e de que modo se diferencia das demais tradições filosóficas” Infelizmente o domínio da produção de saber africano está sobre o ocidente, SENDO “A maior parte do que é recebido como conhecimento acerca de África é produzida no Ocidente.” (MAMA, 2010, p.4) .



Não há como não existir dúvidas sobre a existência de um conhecimento africano quando quem questiona é justamente quem produz esse conhecimento, e a produção é orientada por seus próprios interesses, resultando em saberes que favorecem o produtor. Para descolonizar efetivamente os conhecimentos, Hountondji destaca essa dificuldade, sobretudo devido ao fato de que os centros de produção intelectual permanecem localizados no Ocidente. Segundo Hountondji “[...] à incapacidade de descolonizar a vida intelectual como sendo uma ‘externalização’ persistente da pesquisa acadêmica africana, caracterizada pelo recurso acrítico a paradigmas, conceitos e metodologias que são gerados no exterior e que reduzem a África a algo de simplista e homogeneizado. (MAMA, 2010,p.4) . Essa situação evidencia a necessidade urgente de reconfigurar os espaços de produção do saber, promovendo a autonomia intelectual africana e valorizando epistemologias locais. Para isso, é fundamental o rompimento com a dependência dos paradigmas ocidentais e a adoção da desobediência epistêmica, conforme sugerido por Quijano, para que outros saberes possam emergir e dialogar em igualdade.

CONCLUSÕES

A partir da análise apresentada, fica evidente que o conhecimento científico, embora importante e estruturado por métodos rigorosos, não detém exclusividade sobre a verdade, sobretudo por ser uma construção humana passível de falhas. O domínio eurocêntrico sobre a produção do saber tem ocultado e desvalorizado outras epistemologias, em especial as africanas, cujas características e legitimidade ainda são objeto de debate e resistência. A persistência dessa hegemonia resulta em um cenário em que grande parte do conhecimento sobre África é produzido fora do continente, reforçando a invisibilidade dos saberes locais. A desobediência epistêmica proposta por Quijano, bem como o reconhecimento da diversidade epistemológica, são passos fundamentais para descolonizar o conhecimento e garantir a pluralidade das vozes na construção do saber global. Somente assim será possível superar as limitações de um modelo científico excludente e avançar para uma compreensão mais ampla e democrática da realidade social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades pela oportunidade de formação crítica e reflexiva. Expressamos a nossa gratidão ao nosso orientador o Professor Ricardo Ossagô de Carvalho, cujo apoio e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 5. reimpressão, 2005. p.17-28.
- CARDANO, Mario. Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Tradução do original: La ricerca qualitativa, publicado por Società editrice il Mulino, Bologna, 2011.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. UNIOESTE – Campus Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 41-62, 1º semestre de 2008.



KAPHAGAWANI, Didier N; MALHERBE, Jeanette G. African epistemology. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). The African Philosophy Reader. New York: Routledge, 2002, p. 219-229. Tradução para uso didático por Marcos Rodrigues.

MAMA, Amina. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez; Coimbra: Almedina, 2010. p. 603-637.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

SOUSA, Janara. As sete teses equivocadas sobre o conhecimento científico: reflexões epistemológicas. Ciências & Cognição, Rio de Janeiro, v. 8, p. 143-152, publicada em 15 ago. 2006. Ensaio submetido em 30 jun. 2006 e aceito em 1º ago. 2006. ISSN 1806 5821.

TÁÍWÒ, Olúfêmi. O que são “Estudos Africanos”? Estudiosos africanos, africanistas e a produção do conhecimento. [S.l.: s.n., s.d.]. Tradução e adaptação para uso didático.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, María del Pilar. Metodologia de pesquisa. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.